

# Temas de Filosofia

Coleção XVI Encontro ANPOF

*Organizadores*

---

Marcelo Carvalho  
Déborah Danowski  
Jarlee Oliveira Silva Salviano



ANPOF

## **ANPOF - Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia**

### **Diretoria 2015-2016**

Marcelo Carvalho (UNIFESP)  
Adriano N. Brito (UNISINOS)  
Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros (USP)  
Antônio Carlos dos Santos (UFS)  
André da Silva Porto (UFG)  
Ernani Pinheiro Chaves (UFPA)  
Maria Isabel de Magalhães Papaterra Limongi (UPFR)  
Marcelo Pimenta Marques (UFMG)  
Edgar da Rocha Marques (UERJ)  
Lia Levy (UFRGS)

### **Diretoria 2013-2014**

Marcelo Carvalho (UNIFESP)  
Adriano N. Brito (UNISINOS)  
Ethel Rocha (UFRJ)  
Gabriel Pancera (UFMG)  
Hélder Carvalho (UFPI)  
Lia Levy (UFRGS)  
Érico Andrade (UFPE)  
Delamar V. Dutra (UFSC)

### **Equipe de Produção**

Daniela Gonçalves  
Fernando Lopes de Aquino

### **Diagramação e produção gráfica**

Maria Zélia Firmino de Sá

### **Capa**

Cristiano Freitas

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

T24      Temas de filosofia / Organizadores Marcelo Carvalho, Déborah  
Danowski, Jarlee Oliveira Silva Salviano. São Paulo : ANPOF,  
2015.  
402 p. – (Coleção XVI Encontro ANPOF)  
  
Bibliografia  
ISBN 978-85-88072-31-2  
  
1. Filosofia I. Carvalho, Marcelo II. Danowski, Déborah  
III. Salviano, Jarlee Oliveira Silva IV. Série

# O Recalque em Schopenhauer: Contribuições filosóficas à teoria psicanalítica

**Alexandre Teles**  
*UFRGS*

Será meu intento nessa comunicação apresentar algumas notas de uma pesquisa sobre a teoria do inconsciente de Schopenhauer e Freud voltada para a elucidação de conceitos centrais da teoria e da prática psicanalítica. Tal pesquisa é, por um lado, a sequência de uma pesquisa sobre o sistema filosófico de Schopenhauer e, por outro, um exercício de teórico de formação clínica<sup>1</sup>.

O tema central da comunicação é o que podemos chamar da teoria do recalque; teoria que Schopenhauer dava o nome de primazia da Vontade sobre o intelecto na consciência. Será possível mostrar que a teoria de Schopenhauer é praticamente a mesma desenvolvida por Freud e que as diferenças que lá encontramos podem ser úteis tanto para teoria como para a prática psicanalítica. O fato interessante é que Schopenhauer, através de sua teoria, explica fenômenos que a teoria psicanalítica reconhece como manifestações do inconsciente: esquecimento, atos falhos e erros em geral, dispersão e associação de ideias e a loucura<sup>2</sup> (*Wahnsinn*). Abarcaremos aqui a teoria do recalque, a dispersão e a associação de ideias; ao fim, compararemos a teoria da loucu-

<sup>1</sup> Esse texto é uma apresentação de alguns resultados de uma pesquisa desenvolvida originalmente como monografia de um curso de Especialização em Clínica Psicanalítica realizado na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS. (TELES, 2012) Seu conteúdo integral pode ser encontrado em: [www.alexandreteles.com](http://www.alexandreteles.com)

<sup>2</sup> Esse termo pode ser entendido genericamente como designando o amplo espectro de transtornos mentais.

ra de Schopenhauer com passagens em que Freud apresenta a técnica psicanalítica e seu propósito.

Tratemos agora, então, de expor a teoria do inconsciente de Schopenhauer. Conta como axioma - pois trata-se de uma tese provada alhures e nessa teoria será apenas tomada como verdadeira - a tese de que somos conscientes de uma representação por vez. De modo que todo o restante do nosso conhecimento permanece inconsciente. Essa noção de inconsciente surge simplesmente por oposição ao que não ocupa a consciência em um determinado momento. Nessa formulação preliminar ainda não temos nenhuma barreira que restrinja determinadas representações ou afetos a ocupar a consciência: a única restrição que se impõe aqui é a própria natureza da consciência: o tempo.

Soma-se ao que chamamos de axioma uma tese da filosofia da natureza de Schopenhauer: aos animais em geral é intrínseca uma tendência natural de busca pelo prazer associada à manutenção da vida. Isto é, há algo que impulsiona todo animal a viver constantemente. Isso se dá em uma experiência de dor sempre que a vida do organismo animal estiver ameaçada: o animal experimenta prazer ao respirar, comer, procriar e fugir da morte. E, ainda, acontece que, ao considerarmos a consciência enquanto tal, se pode afirmar que a consciência de cada representação pode ser prazerosa ou desprazerosa. (W2: p.204) Nesse ponto, temos o que seria uma formulação da filosofia de Schopenhauer do princípio do prazer: a cada instante a experiência interna se apresenta como prazerosa ou desprazerosa; de modo que ter uma representação pode ser desagradável ou aprazível.

Muito bem, passemos agora a considerar o fenômeno da dispersão. Esse fenômeno conta como um fato a ser explicado pela teoria da consciência de Schopenhauer. O tempo é tomado como a forma essencial da consciência: ela segue um fluxo temporal, sendo ocupada por uma representação de cada vez. Ao observar o que ocorre em nossa consciência, podemos perceber que ela, por vezes, passa de uma representação a outra espontaneamente. De modo que o controle que temos dos nossos pensamentos é deveras limitado. Ora, essa é uma possibilidade aberta pela própria forma essencial do nosso intelecto: a temporalidade. Sem a temporalidade da consciência não poderíamos ter uma série assim desordenada. O mesmo pode ser dito de uma série

ordenada. Pois, a temporalidade da consciência é a própria condição das séries ou cadeias de pensamento em geral.

Dessa imperfeição do intelecto<sup>3</sup> depreende-se a rapsódica e frequente *fragmentariedade do curso do nosso pensamento* (*Fragmentarische unsers Gedankenlaufs*), (...) da qual se origina a inevitável *distração* de nosso pensar. A saber: ora impressões externas dos sentidos invadem-no, incomodando-o, interrompendo-o e o direcionando a todo instante para as coisas mais estranhas; ora *um* pensamento se põe no lugar do *outro* na cadeia (am Bande) de associação e assim se põe no lugar dele [ou o reprime] (*verdrängt*); ora, finalmente, o intelecto não é mais capaz de se prender a *um* pensamento. (W2: p. 137)

Assim, a nossa dificuldade de controle da cadeia de nossos pensamentos em atividades que exigem isso, bem como a distração são fatos cuja *possibilidade* se segue da essencial temporalidade da consciência. Mas isso não é suficiente para explicar a distração, ou o aparecimento espontâneo de um pensamento em detrimento de outro. Pois, é logicamente possível que permanecêssemos indefinidamente ocupados com uma só representação, se apenas considerarmos o tempo como forma da consciência. É, preciso, portanto, algo a mais que explique o fluxo espontâneo de pensamentos.

Além disso, na passagem acima podemos observar o uso do verbo *verdrängen* para descrever o que acontece quando um pensamento surge na consciência, involuntariamente, para tomar o lugar de outro: um pensamento repentinamente se põe no lugar do outro fazendo a consciência ocupar-se dele ao invés de outro pensamento. Sabemos que a repressão ou recalque (*Verdrängung*) é uma das noções mais importantes da psicanálise e que está diretamente ligada com a teoria do inconsciente que a fundamenta. Vejamos agora como Schopenhauer explica essa atividade mental que pode ser verificada no fluxo de nossos pensamentos. A questão que nos interessa agora é: o que faz com que passemos de um pensamento para outro? O que determina, por exemplo, o esquecimento do nome de alguém ou a lembrança dessa

---

<sup>3</sup> Esclarecendo o contexto: a imperfeição que se deve à natureza temporal da consciência – tese que já apresentamos acima – mais a necessidade, fisiológica, de repouso para bem pensar, por assim dizer.

ou daquela coisa em um momento específico? Em termos gerais, nossa pergunta é: o que comanda a espontaneidade da mente?

A resposta de Schopenhauer para essas questões é que a Vontade é aquilo que faz com que nós não tenhamos nem um controle absoluto, nem um completo descontrole da consciência. Isto é, a 'Vontade' é o princípio que explica o fato de a nossa mente ser como é: relativamente controlável. Nesse ponto, a completa compreensão dessa explicação demanda familiaridade com o sistema de Schopenhauer, precisamente no que diz respeito ao significado do termo 'Vontade', que é distinto do significado que do termo homônimo que utilizamos em língua portuguesa. Para os nossos propósitos<sup>4</sup>, é suficiente que saibamos que a noção de Vontade, inclui sob si cada vontade particular e individual; que corresponde ao significado corriqueiro da expressão. Com efeito, o que nos proporciona o relativo controle de nossa consciência é noção de vontade, que em termos psicanalíticos corresponde ao *ego*. Já o relativo descontrole, é a noção de Vontade, que corresponderia ao *Id*. Em Schopenhauer, no entanto, a noção de Vontade corresponde ao princípio vital disperso em toda natureza. Na consciência humana, a Vontade atua comandando toda a nossa atividade inconsciente; seja ela física<sup>5</sup> ou mental. Muito bem, a Vontade comanda a atividade mental inconsciente, mas como isso se dá?

Com o intuito de responder a essa última questão, apresentarei aqui uma passagem na qual Schopenhauer descreve o que seria o processo de recalque. Com isso, teremos uma teoria que explica como se dá o processo mental inconsciente controlado pela Vontade: um processo através do qual uma cadeia de pensamentos é impedida pela Vontade de ocupar a consciência em um determinado momento:

Isso ocorre através de uma proibição ao intelecto de ter determinadas representações, evitando absolutamente que determinadas sequências de pensamento surjam, porque ela [- a Vontade - ] sabe, isto é, experimenta do intelecto, que [tais pensamentos] fariam surgir excitações [desagradáveis] previamente descritas. Ela refreia o intelecto e o obriga a se direcionar a outras coisas.

---

<sup>4</sup> É preciso frisar que a completa elucidação da diferença, dentro do sistema de Schopenhauer, entre 'Vontade' – o princípio cósmico universal que rege todas as forças naturais - e 'vontade' - a vontade de cada indivíduo – não é almejado aqui.

<sup>5</sup> Um exemplo de atividade física inconsciente é o batimento cardíaco.

Mesmo que isso em geral possa acarretar um resultado ruim, isso é muito caro à Vontade; pois a resistência (*Widerstreben*) nunca parte do intelecto, que permanece sempre indiferente, mas da Vontade mesma, que abomina uma representação e tem uma preferência por outra. Assim, a representação em si mesma não é indiferente à Vontade, porque ela a excita; ao mesmo tempo o conhecimento abstrato diz à Vontade que esta representação causará, em vão, dor ou um abalo indigno. A Vontade então decide, de acordo com esse último conhecimento, e força o intelecto a obedecê-la. (W2, p. 208)

Essa teoria nos explica o que faz com que determinados pensamentos surjam espontaneamente: há um direcionamento exercido pela Vontade: ela obriga o intelecto a seguir trilhas que lhe são mais aprazíveis, mesmo que o resultado disso possa ser um lapso, ou a loucura. Mas, o interessante é que, ao considerar negativamente o processo, temos a noção de recalque, pois, ao seguir uma trilha associativa, a outra é reprimida ou recalçada, pois ela é proibida de vir à consciência. Ao considerar o mesmo processo de maneira oposta, temos a associação de ideias. Isto é, se ao impedir que nossos pensamentos sigam uma determinada trilha, temos o recalque; ao considerar o pensamento que é posto no lugar, temos a espontaneidade do pensamento: a associação de ideias.

O que põe em atividade a associação de ideias (*Gedankenassoziacion*), (...) em última instância (...) é a *Vontade*. Ela impele (*antreibt*) o seu servo, o intelecto, a passar de pensamento em pensamento de acordo com seus poderes (*Kräfte*). (W2: p. 136)

Tendo apresentado a teoria do recalque de Schopenhauer e o modo como ela se relaciona com a dispersão e a associação de ideias, tomemos o texto de Freud no qual ele apresenta a técnica psicanalítica e sua relação com a teoria do inconsciente:

A tarefa que o método psicanalítico se empenha em resolver pode expressar-se em diferentes fórmulas, que em essência, no entanto, são equivalentes. Pode-se dizer: a tarefa do tratamento é eliminar as amnésias. Preenchidas todas as lacunas da memória, esclarecidos todos os efeitos enigmáticos da vida psíquica,

tornam-se impossíveis a continuação e mesmo a reprodução da doença. Pode-se ainda conceber a condição para isso da seguinte maneira: todos os recalques devem ser desfeitos; o estado psíquico passa então a ser idêntico àquele em que todas as amnésias foram preenchidas. De alcance ainda maior é outra formulação: trata-se de tornar o inconsciente acessível à consciência, o que se consegue mediante a superação das resistências. (1905, O método psicanalítico de FREUD, VII: p. 236)

(...) [A]s amnésias são o resultado de um processo ao qual ele [- Freud -] chama recalque e cuja motivação é identificada no sentido de desprazer. As forças psíquicas que deram origem a esse *recalque* estariam, segundo ele, na *resistência* que se opõe à restauração [das lembranças]. (idem: p.235)<sup>6</sup>

A exposição que fizemos acima, já seria suficiente para aproximarmos a teoria do recalque de Schopenhauer da de Freud, mas, tomemos outra passagem de Schopenhauer quando ele descreve o que é a loucura:

Cada novo evento repugnante precisa ser assimilado pelo intelecto; precisa receber um lugar no sistema de crenças em conexão com a nossa Vontade e seus interesses, o que sempre pode ter que se pôr no lugar (*verdrängen*) do que é mais satisfatório. (...) Em alguns casos, no entanto, a resistência e oposição da Vontade contra a assimilação de um evento alcança um grau que aquela operação não é efetivada a contento; com efeito, diante de alguns eventos ou circunstâncias, o intelecto é totalmente desviado de sua função porque a Vontade não suporta vê-los. Depois disso, as lacunas resultantes são preenchidas arbitrariamente a guisa de conexão necessária. Assim, origina-se a loucura. Pois o intelecto abriu mão de sua natureza para favorecer a Vontade: o homem imagina ser o que ele não é. (W2, 400-1)

---

<sup>6</sup> Objetar-se-ia que pelo fato de “O método Psicanalítico de Freud” ser um texto que aparece relativamente cedo na obra de Freud (1905), não seria uma fonte confiável para apanharmos a posição definitiva de Freud em relação ao objetivo do tratamento psicanalítico. No entanto, a mesma tese aparece nos textos mais tardios de Freud: tanto em *Recordar, Repetir e Elaborar* como em *Análise Terminável e Interminável* (FREUD, XII: p. 193-4 e FREUD, XXIII: 250-1).

Com mais tempo, poderemos abordar em detalhe algumas diferenças das teorias de Freud e Schopenhauer e, assim, refletir sobre questões centrais da teoria e da prática psicanalítica.

### REFERÊNCIAS:

FREUD, S. *O Método Psicanalítico de Freud*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ *Recordar, Repetir e Elaborar*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ *Análise Terminável e Interminável*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SCHOPENHAUER, A. *The World as Will and Representation (in two volumes)*, New York: Dover Publications, Translator: PAYNE, E.F.J., 1969. (W2)

TELES, A. *A teoria do Inconsciente de Freud e Schopenhauer e os Fundamentos da Técnica Psicanalítica*, Porto Alegre: UFRGS, 2012.